



A educadora Geisly Rodrigues, 32, com o estudante Bernardo Teixeira, 6: segurança e tranquilidade para os alunos

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Ana Carolina de Oliveira, 27, é educadora social voluntária desde 2021

Mais de 6 mil educadores sociais voluntários oferecem suporte individualizado a alunos com necessidades especiais, mas enfrentam desafios como a falta de recursos, de valorização profissional e de formação adequada

APOIO ALTRUÍSTA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Caroline Teixeira, 29, é mãe de Bernardo Teixeira, diagnosticado com autismo



Educadores voluntários ajudam na inclusão e desempenho dos alunos

» FERNANDA CAVALCANTE*

O foco do educador social voluntário é apoiar individualmente alunos com necessidades especiais, facilitando o trabalho do professor que não consegue realizar esse tratamento. Diferentemente dos monitores, eles não recebem remuneração e atuam de forma altruísta para contribuir com a educação e inclusão social. Segundo a pesquisa Educação Inclusiva no Distrito Federal: o papel dos educadores sociais voluntários, realizada pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF) em 2024, a rede pública de ensino do DF conta com mais de 6 mil educadores sociais voluntários atuando em 684 estabelecimentos de ensino.

Em 14 de agosto, um menino autista teria sido amarrado e sedado na Escola Classe 102 Sul, após uma crise de agitação. A direção acionou o Samu, que levou a criança ao hospital sem informar aos responsáveis, que só foram avisados quando ela já estava na ambulância. A escola não conta com o apoio desses profissionais.

As estruturas rígidas e particularidades acadêmicas podem frustrar alunos com necessidades especiais. "A falta de formação adequada dos professores dificulta a inclusão, exigindo abordagens adaptadas e suporte contínuo para atender tanto às necessidades acadêmicas quanto emocionais. O educador social voluntário cria um ambiente acolhedor e adaptado para seu pleno desenvolvimento", explica a neuropsicóloga Juliana Gebrim.

Crises

O CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira, escola de ensino fundamental localizada em Sobradinho II, conta com 19 educadores sociais voluntários. Eles são responsáveis por proporcionar um atendimento individual para os alunos com deficiências, incluindo alimentação, higienização e locomoção (no caso dos deficientes físicos). E ainda lidam com casos de instabilidade emocional.

Geisly Rodrigues Pinheiro, 32, trabalha no local desde 2016 e ressalta a importância do acompanhamento nessas situações. "É comum haver gritos, choros, mal-estar e até comportamentos agressivos com as crianças com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Procuro levar para um lugar tranquilo, como o parquinho, e ali passar segurança e tranquilidade", detalha.

De acordo com os dados coletados

na pesquisa, 50% dos alunos apresentavam algum tipo de deficiência mental, com um destaque preocupante para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que afetava 82% desse grupo. Além das deficiências mentais, 45% dos alunos atendidos enfrentavam deficiências físicas, necessitando de assistência em atividades diárias, o que ressalta a importância de um ambiente escolar adaptado e acolhedor. As dificuldades visuais e auditivas também

Quem pode se inscrever

Podem participar pessoas maiores de 18 anos, com escolaridade a partir do Ensino Fundamental completo, com comprovação de conclusão.

Atuação

Os voluntários atuarão nas unidades escolares sob orientação das equipes gestoras, cumprindo com responsabilidade, pontualidade e assiduidade suas funções como:

- » Auxiliar as atividades de Educação em Tempo Integral na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e nos Centros de Ensino Médio que ofertam Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI)
- » Auxiliar os estudantes com necessidades educacionais especiais e/ou deficiência e Transtorno do Espectro Autista (TEA), no exercício das atividades diárias, no que tange à alimentação, locomoção e higienização nas Unidades Escolares da Rede Pública de Ensino do DF, incluindo-se os Centros de Ensino Médio, Centros de Línguas e Escolas Técnicas
- » Auxiliar a integração e o aprendizado dos estudantes estrangeiros e indígenas, não falantes de Língua Portuguesa, residentes no Brasil e matriculados nas Unidades Escolares da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

(Conforme Portaria nº 45/2024) O candidato poderá atuar, no máximo, em duas unidades ou em dois turnos na mesma escola.

Ressarcimento

O voluntário irá receber por turno de atuação (quatro horas) o ressarcimento exclusivo para alimentação e transporte, que será feito pela Secretaria de Educação, mensalmente, mediante depósito em conta poupança do BRB.

foram identificadas, com 13% dos alunos apresentando problemas em cada uma dessas áreas.

A dificuldade é agir de maneira adequada com aqueles que não têm laudo, como afirma Ana Carolina de Oliveira, 27, educadora social voluntária desde 2021. "Existem crianças que nós sabemos que são diferentes, então tentamos ajudá-las. Mas quando isso não é identificado, ela não é encaminhada para obter um tratamento personalizado", conta.

Caroline Teixeira, 29, é professora da instituição e mãe de Bernardo, 6, aluno diagnosticado no ano passado com autismo. Até então, o pequeno não recebia um acompanhamento especial, já que suas atitudes ainda não tinham uma justificativa, o que dificultava a rotina de todo mundo. "A professora não conseguia lidar com ele sozinha, tendo uma turma inteira para administrar. Todo dia ele fugia da sala de aula para vir até a minha. Nem eu conseguia trabalhar e nem ele estudava", relata.

Voluntários

Assim como o nome revela, o educador social é voluntário, e não um servidor público, contratado como um apoio educacional. Eles não têm direitos trabalhistas típicos, pois sua atuação não gera vínculo empregatício. O ressarcimento é no valor de R\$ 40 por turno (quatro horas) destinado a cobrir despesas com alimentação e transporte. A atuação é sob a supervisão de equipes gestoras nas escolas, auxiliando em atividades educativas e de inclusão, mas não têm direito a benefícios como férias, 13º salário ou vale-alimentação.

Roger Ryan, 25, entrou em 2022 e afirma já ter realizado os primeiros socorros de um aluno, inclusive, ligando para os bombeiros, mas ele sente que falta valorização. "A gente faz muito além do que os requisitos pedem para a gente fazer. Mas se ficarmos doentes e tirarmos o atestado, voltamos para a Regional de Ensino para aguardar uma nova escola", desabafa.

* Estagiária sob a supervisão de Eduardo Pinho